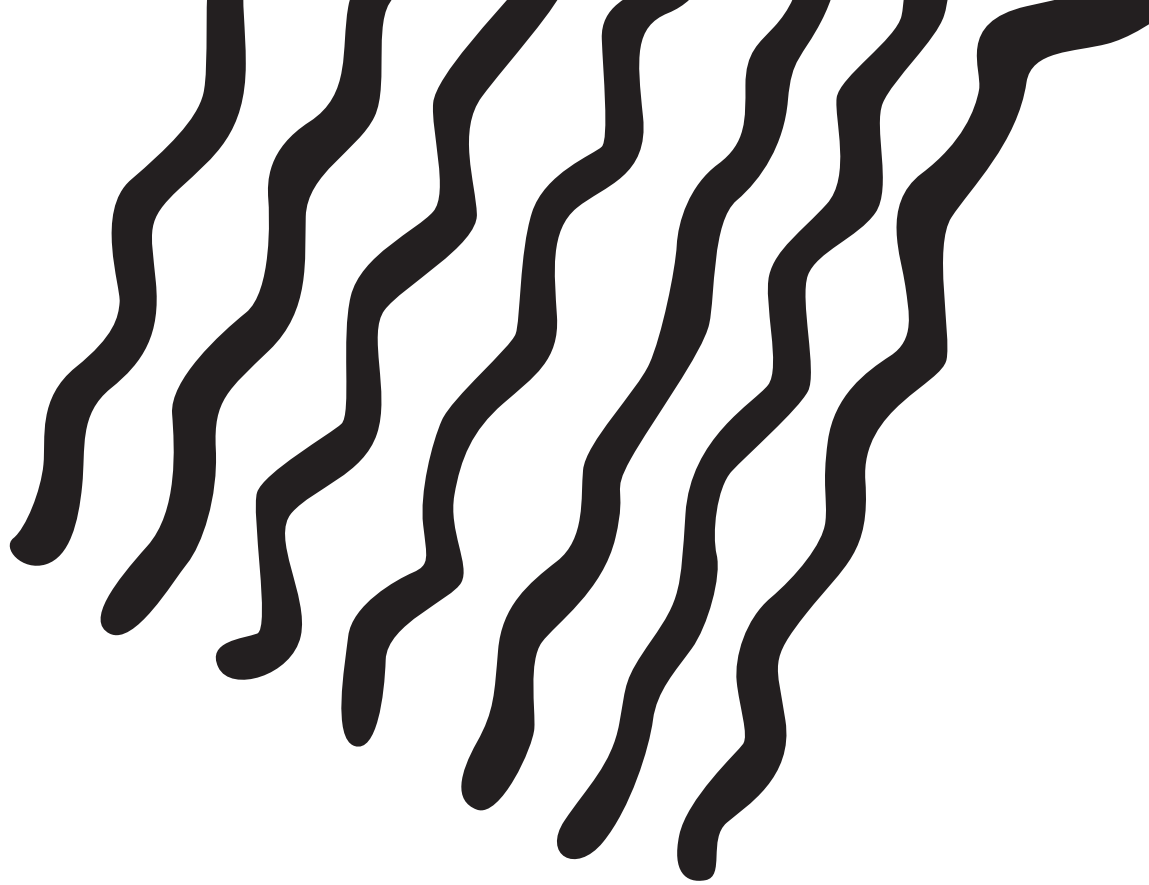




# **OS PRÉ- -SOCRÁTICOS**



Nos dias que os Argivos  
viviam consolados  
correndo festivos  
por bosques e prados,  
alguns cavalheiros  
com um tom profundo  
perguntam-se sérios:  
«De que é feito o mundo?»

Um tal de Mileto  
de Tales chamado  
com um tom faceto  
«Se não está divulgado  
eu logo vos mostro  
— desatou a afirmar —  
que o mundo é composto  
pela água do mar!»

Ao que Anaximandro  
mandou sugerir  
que com o escafandro  
se fosse vestir:

«Caramba, no fundo  
mais cabido parece  
se na base do mundo  
o Infinito aparece!»

Anaxímenes então  
para mais variar  
colheu a ocasião  
e pensou até no ar.  
Empédocles nessa,  
aceitando o jogo,  
gritou: «Ora essa!»  
e acrescentou o fogo.

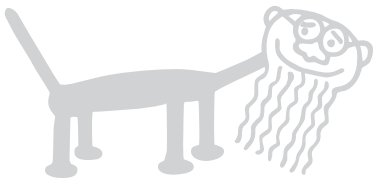
Nestas intrigas  
Pitágoras estava  
e aumentando as brigas  
os números dava:  
pois que transmigrar  
com a alma sabia  
por fim até girar  
as esferas fazia.

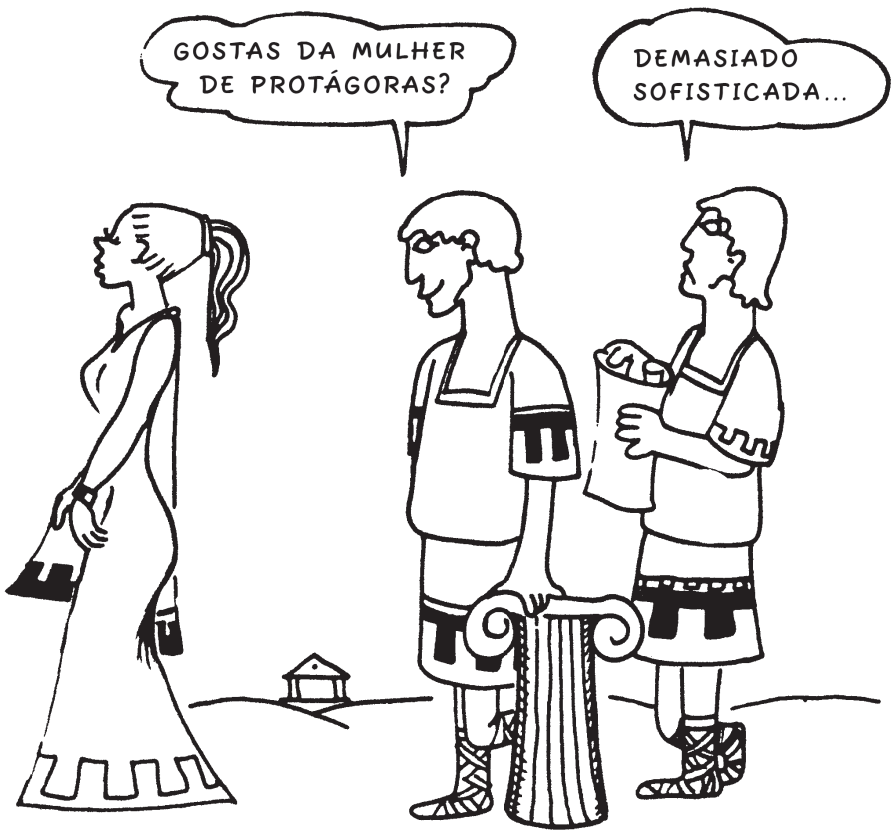
Às vozes sapientes  
tão caricatas  
se juntam frementes  
até Eleatas;  
e de tanto viver  
uma vida sincera  
Parménides disse  
que o mundo é uma esfera,  
e neste complexo  
concorrer do ente  
vive o homem depressor:  
de nada é movente.  
Numa tal situação  
nem sequer se abre brecha  
— quem o diz é Zenão —  
se se atira uma flecha,  
e entre mil uma  
testugem ao acaso  
o Aquiles arruma  
com o queixo raso.  
Mas, com muita força,  
«Dos parvos és rei!

— Heraclito reforça —  
já que *panta* rei!  
quem faz pedilúvio  
no meio da torrente  
Tem sempre um proflúvio  
de água corrente!»  
Mas cabe avisar:  
a história mais bera  
quem a foi tramar  
foi um tal de Abdera,  
Demócrito, o qual  
— não é um facto cómico —  
com trato fatal  
fundou o *pool* atómico;  
e se hoje a guerra  
tem um tom antipático,  
deve isso, a Terra  
àquele pré-socrático.

Em suma, com o ar,  
os átomos e o fogo,  
desataram a gritar,  
eles todos, desde logo.

Os seus palavreados  
os Gregos irritaram,  
até que zangados  
os despedaçaram  
Isto é confirmado  
por prova evidente:  
o que temos achado  
é fragmentos somente...



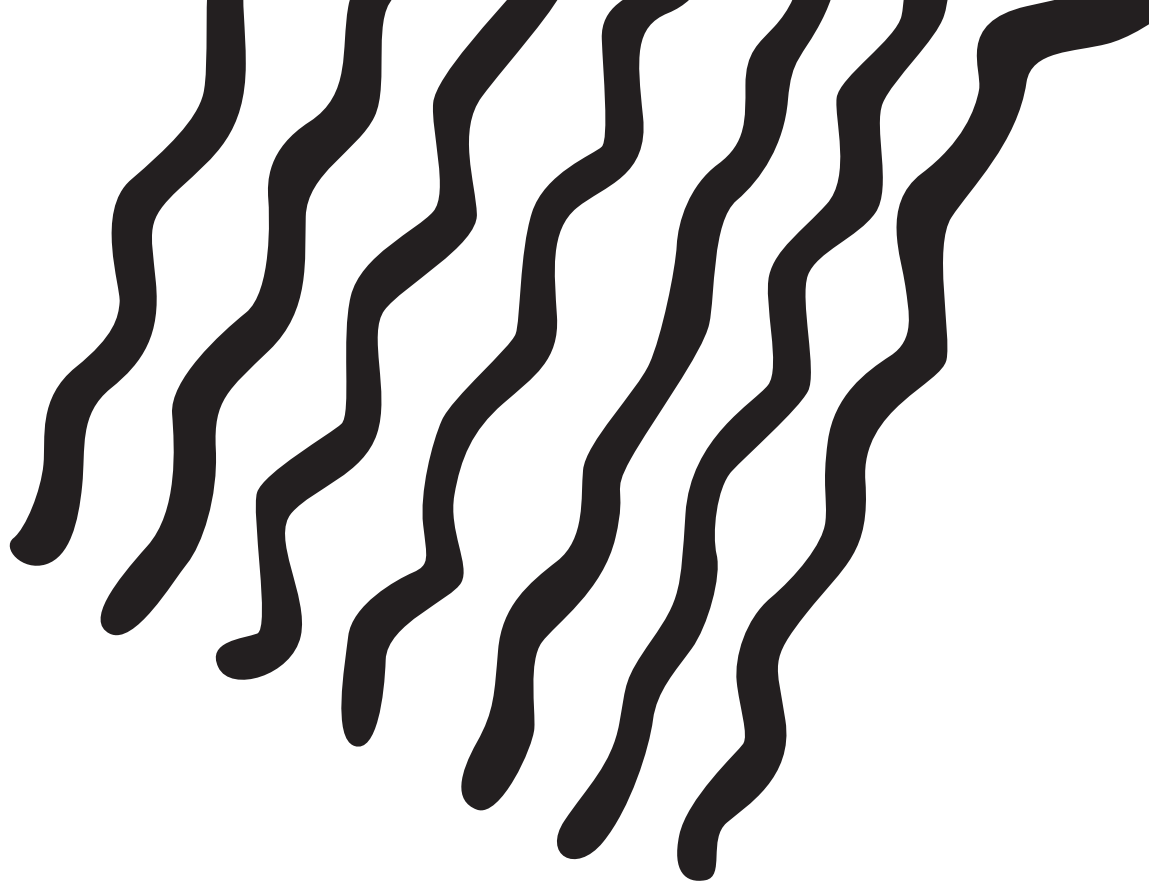


OS SOFISTAS





**ARISTÓTELES**



Estagirita Aristóteles, ainda te lembrás  
dos passeios do bom tempo antigo  
pela ágora, pelo Liceu, ainda te lembrás  
daquela velha Academia que não digo?  
Daquela velha Academia cuja glória  
já é divulgada pelo vasto mundo...  
Mas destinos volúveis tem a História,  
Estagirita Aristóteles, profundo  
tu sentias no cérebro agitar  
as bases de um novo silogizar.

Ó hiperurânia paz da Ideia  
onde tudo repousa em perfeição!  
O filósofo admira, nela se alheia,  
roça o problema da meditação  
mas não resolve... «Há o um e os muitos, sim,  
não nego, caro Simia, é um argumento.»  
«Parménides o pôs...»  
«Mas oiça, sim,  
tenho aqui as nove hipóteses...»  
«Assento.»  
Na diarese extrema do *Sofista*  
perde-se num retículo a pista.

Estagirita Aristóteles, pensavas  
o que mediava o uno e o seu retrato  
e, posto o médio, ainda o coligavas  
ao uno, e esse ao novo médio extracto...  
Na tua cetra feita de pensamentos  
O *terceiro homem* foste tu o primo  
perseguido-o por meandros pardacentos  
fugitivo, da Ideia grotesco mimo.  
Foi então que, eu sei, colheste o jeito  
de o verbo do Mestre criticar, direito

Estagirita Aristóteles, vagueavas  
pelos prados floridos de asfódelos,  
sobre as virtudes das ervas demoravas,  
aos teus fiéis as pedras tu mostravas  
e as propriedades dos minerais.  
Descobrimo a realidade com moto assíduo  
estudavas a anatomia dos animais,  
Também te fascinava o indivíduo  
e, por fim, um mental bradíssimo,  
surgiu-te um instrumento: o silogismo!

O silogismo, Aristóteles, tal  
que obedecendo às leis da mente  
reproduzia o ritmo do real,  
que encadeava de forma consequente  
e claro a maior à menor  
e te levava, devagar e com constância,  
reunindo os resultados com amor,  
a penetrar no meio da substância.  
Aos olhos teus frementes então se abria  
a vida inteira da enteléquia

Quanto soube nesse dia a coisas acabadas  
a velha Academia de que não digo,  
aquele êxtase pelas essências vislumbradas  
fora da caverna, num dia antigo,  
a ideia nunca atingível, afastada,  
copiada só por mimeses fenecentes,  
a república um dia vã e sonhada,  
as ervas que em Siracusa foram patentes...  
Num cheiro de violetas e crinolina,  
tu pensaste Platão em papalina.

Estagirita, de Andrónico a Tomás  
e de Tomás a nós, quanto mudou  
o teu rosto, mas ninguém disso caso faz!  
Oh, reencontrar ainda inalterado  
só o teu amor por quanto verdadeiro,  
a cautelosa iluminística prudência  
que juntaste a uma ideia do homem inteiro  
contemplador e amante da ciência!  
Mas muito temo de encontrar talvez  
o que tu, aparentando ser, não és.

COM CERTEZA QUE,  
FAZENDO AS TRAGÉDIAS AO  
AR LIVRE, O PÚBLICO  
ARRISCA-SE A APANHAR  
UMA CATARSE...



ARISTÓTELES